

# A *AÍSTHESIS* COMPREENDIDA ENTRE O TODO E A PARTE NO *TIMEU*<sup>1</sup>

Gislene Vale dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste texto é ponderar acerca da constituição do *kósmos* no *Timeu* e dos elementos que permitem pensar a constituição do humano; a partir daí conceber quais partes configuram a composição da *aísthesis*, que é o meio que permite ao humano aperceber-se das coisas, sendo ele mesmo resultante das relações que compõem a totalidade. No entanto, não discutiremos a *aísthesis* no seu aspecto global, mas somente no seu aspecto afectivo. Em outras palavras, buscamos compreender como se pode relacionar o sensível ao inteligível na constituição do aspecto físico da *aísthesis*.

**Palavras-chave:** Platão, *Timeu*, *aísthesis* e *kósmos*.

**ABSTRACT:** The aim of this text is to ponder over the constitution of the *kósmos* in *Timaeus* and of the elements that enable to think the constitution of human being; hence, therefrom, we shall conceive which parts configure the composition of *aísthesis*, this the way that enables human being to perceive the things from yourself, he as being therefore the result of the relations that compose the totality. However, we will not discuss the *aísthesis* in its general aspect, rather only in its affective one. In other words, we try to understand how one can relate the sensible to the intelligible in the constitution of the physical aspect of *aísthesis*.

**Key-words:** Plato, *Timaeus*, *aísthesis* and *kósmos*.

Movido pelo desejo (*epithymía*),<sup>3</sup> o *Timeu* platônico apresenta, por meio do movimento de sua escrita, o movimento que perfaz a constituição do *kósmos* nos seus múltiplos aspectos. Nessa jornada, usando de um *mýthos*, Platão constrói um *lógos*, uma narrativa que permite ao leitor situar sua escrita na condição de um *entre*, bem ao modo de um *mýthos* que, por sua vez, não é nem *alethés* nem *pseudés*, antes, um *entre*. Neste lugar, *entre* o *epithymético* e o *logistikón*, eis o *Timeu*, concebido como uma festa de palavras que, em uma *mélange* discursiva, faz aparecer o *kósmos*, tanto em seu aspecto

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e I Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos, 2013.

<sup>2</sup> Doutoranda do PPG-UFMG, vinculada à linha de pesquisa em História da Filosofia Antiga e Medieval. E-mail: giislene@hotmail.com

<sup>3</sup> Platão. *Timeu*, 19b.

diacrônico quanto em uma sincronia ontológica. Sob tal perspectiva, busca-se alcançar uma concepção de *aísthēsis* que satisfaça a prerrogativa do diálogo, ser um ser *entre*: *entre* o nascimento do *kósmos* (*toû kósmou genéseos*) e a natureza do humano (*ánthropon phýsin*).

Ao pensarmos em uma possível teoria que venha a dar conta do que seja a *aísthēsis* no pensamento platônico que vige especialmente no *Timeu*, teríamos que prestar contas de algumas relações ontológicas que esclarecem o conceito, relações tais como a participação do sensível no inteligível, a relação da memória e do tempo com a alma, das formas com a alma, entre outras. No entanto, buscamos apresentar e discutir apenas um dos elementos que constituem a manifestação da *aísthēsis*, qual seja, o seu aspecto afectivo. Ou ainda, buscamos compreender em que medida se pode relacionar o sensível ao inteligível na constituição do aspecto físico da *aísthēsis*. Para dar conta do intento, trabalhamos com uma parte específica do *Timeu*, o trecho 42e-47e, exposto como parte da operação do *noûs* – uma ontologia.

Nessa caminhada, seguimos a orientação platônica: dividir para analisar, distinguir (*diaretéon*) o que sempre é e não tem nascimento e o que devém<sup>4</sup>: “Um pode ser apreendido pelo pensamento com o auxílio da razão, pois é imutável. Ao invés, o segundo é objeto da opinião acompanhada da irracionalidade dos sentidos”<sup>5</sup>. Temos duas posturas do pensamento, uma reveladora das causas, outra reveladora do movimento das coisas que se apresentam no tempo.

A partir dessa distinção, é importante salientar a figura do demiurgo; o consideramos, de modo muito geral, como um fabricante (*poietés*) responsável por fazer passar do não-ser ao ser. O fabricante, aqui, é a imagem mitológica usada por Platão para descrever a transformação do *kósmos*. Tal imagem expressa o elemento racional que permite ordem à formação de todas as coisas que aparecem de modo sensível, uma ordem que pode ser expressa pela palavra *e*, portanto, pensada como causa do devir que constrói todas as coisas que, sensivelmente, preenchem a totalidade. Essa transformação supõe um movimento (*kínesis*) que é causa da mudança e permite que o mundo seja qualificado enquanto uma unidade movente e composta de multiplicidade. Tal ordem é o próprio modo no qual a parte imortal do universo se comporta, parte essa que, por sua vez, regula o movimento que gere a parte mortal do *kósmos*. O termo *regula* deve ser

<sup>4</sup> *Timeu*, 27 d.

<sup>5</sup> 27d-28a: τὸ μὲν δὴ νοήσει μετὰ λόγου περιληπτόν, αἰεὶ κατὰ ταῦτὰ ὄν, τὸ δ' αὖ δόξει μετ' αἰσθήσεως ἀλόγου δοξαστόν. Todas as citações do diálogo *Timeu* foram extraídas da tradução de Rodolfo Lopes, 2001, com modificações nossas.

compreendido no sentido de *ordena internamente*, sendo a parte imortal a estrutura que permite a mudança sensível sem que ela seja desordenada, assim, um algo (*tode ti*) passando a ser outro algo, sem prejuízo para a compreensão do *lógos*. Nesse sentido, o demiurgo é a imagem da causa primeira que ajusta a transformação do todo.

Há, ainda, outra causa que não tem a primazia da imortalidade da primeira, mas sem a qual o mundo não vem a ser, na medida em que ela é o *lugar* onde se efetiva a estrutura/ordem da primeira causa. O que Platão chama de novos deuses (*toís néois theoís*) é a causa acompanhante da causa primeira. Acompanhamento marcado pelo prefixo *syn* – *synaitía* – que revela a natureza destes deuses, *revela* na medida em que mostra a diferença que comporta essa parte do todo. O *syn*, em um primeiro momento, pode ser compreendido positivamente, visto que ser *com* a causa é estar junto da ordem imortal que comanda a disposição do todo. Em um segundo momento, o prefixo pode ser lido de modo negativo, na medida em que demarca um campo de não pertencimento à natureza do imortal. A diferença entre a natureza do demiurgo e dos novos deuses manifesta no *Timeu* a diferença entre as partes que compõem a totalidade, uma parte imortal e outra mortal, sempre juntas, mas sempre no respeito ao que demarca o fato de suas naturezas serem, cada uma delas, o outro da relação que se expressa enquanto o próprio mundo acontecendo.

Pensar o aspecto afectivo da *aísthesis* nesse contexto exige que se pense aquilo que em sua constituição é concebido como um ser entre o mortal e o imortal. Pensá-la é conceber o humano em sua *arkhé*, conforme diz a personagem Timeu:

[As naturezas humanas] Sempre que fossem implantadas nos corpos, por necessidade, e lhes fossem acrescentadas partes, enquanto outras seriam retiradas do corpo, em todas elas surgiria, necessariamente e em primeiro lugar, uma sensação única e congénita gerada por afecções<sup>6</sup> violentas; em segundo lugar, o desejo amoroso, que é uma mistura de prazer e sofrimento; depois destes, o temor, a cólera e todas as sensações que se lhes seguem e todas as que por natureza são contrárias e se diferenciam destas. Se as dominarem, viverão de forma justa, mas, se forem comandados por elas, viverão de forma injusta.<sup>7</sup>

<sup>6</sup>À palavra *impressões* da tradução, opta-se pelo termo *afecções* para traduzir a palavra grega *παθημάτων*.

<sup>7</sup>42a: ὅποτε δὴ σώμασιν ἐμφυτευθεῖεν ἐξ ἀνάγκης, καὶ τὸ μὲν προσίοι, τὸ δ' ἀπίοι τοῦ σώματος αὐτῶν, πρῶτον μὲν αἰσθησιν ἀναγκαῖον εἶη μίαν πᾶσιν ἐκ βιαίων παθημάτων σύμφυτον γίνεσθαι, δεύτερον δὲ ἥδονῇ καὶ λύπῃ μεμειγμένον ἔρωτα, πρὸς δὲ τούτοις φόβον καὶ θυμὸν ὅσα τε ἐπόμενα αὐτοῖς καὶ ὁπόσα ἐναντίως πέφυκε διεστηκότα: ὧν εἰ μὲν κρατήσοιεν, δίκη βιώσοιντο, κρατηθέντες δὲ ἀδικία.

Entenda-se, neste trecho, o termo *necessidade* enquanto uma vinculação mecânica entre os quatro elementos – fogo, terra, água e ar –, permitindo que o encontro entre os elementos constitua uma afecção<sup>8</sup> (*páthos*) que compõe a parte física do humano e é responsável pela formação de um corpo em constante movimento. Este *páthos* conecta o humano a um não-ser que participa de sua formação mais elementar. Com isso se quer dizer que há uma força física exterior ao humano que, ao entrar em contato com o corpo, se torna ela parte integrante do próprio humano. Ela passa, por meio do toque com o corpo, do não-ser ao ser que participa do que seja este ser – o humano. Isso ocorre na medida em que os elementos primordiais não participam apenas da constituição deste corpo, mas de tudo o que se apresenta enquanto unidade física que compõe a totalidade. Assim acontece um vai-e-vem entre as partículas que constituem os corpos sensíveis que estão na relação física com o corpo do humano. Independentemente de sua vontade ou deliberação, o corpo, instantaneamente, troca os elementos que o perfazem com o que é externo a ele. Tal disposição ocorre, em um primeiro momento, quando os corpos tomam emprestadas do todo as partículas de fogo, terra, água e ar para se construírem. Essa mobilidade é constituída por meio do fluxo que perpassa os elementos e, nesse perpassar, permite que eles se imbriquem uns nos outros, em um movimento contínuo de agregação e de desagregação. A partir desse movimento, os corpos são constituídos e destituídos, visto que o fluxo traz (*phérei*) os componentes do corpo e os altera em proporção, de modo não determinado anteriormente. Assim, por meio de violentas afecções, a *aísthesis* vem a ser de modo natural – *sýnphyton*. O violento, aqui, demarca seu caráter infalível. Uma infalibilidade que marca uma das partes constituintes da natureza humana.

A outra parte é aquela responsável pelo que se compreende como sentimentos humanos, tudo o que pode sofrer por uma desmedida moral (*hýbris*): amor, temor, cólera e seus respectivos contrários. Lugar de construção da honra e da desonra. O poder de controlar essa parte da alma fará da vida humana uma vida justa, e a incapacidade do controle, injusta. Tais sentimentos chegam ao homem por meio do corpo, e são eles, também, tipos de afecções; no entanto, essas carregam consigo um valor moral. Ao pensar a *aísthesis* neste contexto, pensamos que ela sempre tem algo que lhe serve de conteúdo, querendo dizer com isso que sentir é sempre sentir algo.

---

<sup>8</sup>Cf. Brisson, 2001. Cornford, 1948, por sua vez, diz que a necessidade, a causa errante, é o limite com o qual a razão deve operar.

Neste interim, Platão avança no sentido de descrever a ocorrência dos eventos que acontecem por meio da afecção dos corpos (*pathémata*) para tematizar, uma vez mais, a *aísthesis*. Em 42a-44d, percebemos a reflexão do autor no sentido de explicar uma ontologia de sustentação de um modo de ser, o corpo. Diferentemente da ligação estabelecida entre as coisas imortais, ligações eternas, as coisas mortais são constituídas por ligações fortuitas, ligações essas que permitem ao humano sentir coisas diferentes na medida em que entra em contato com diferentes coisas físicas. Cabe circunscrever, neste contexto, as relações entre os períodos do *mesmo* e do *outro*, visto que eles estão presentes no movimento em que o corpo está inserido. Se voltarmos um pouco no texto, podemos compreender em que medida pensamos tais conceitos na formulação da *aísthesis*. Ao descrever a natureza do universo, a alma do universo, a partir de 35a, a personagem Timeu insere conceitos que explicam por que as coisas visíveis podem ser compreendidas. Há, em tais coisas, uma proporção, designada pelo cálculo matemático, entre as substâncias (*ousíai*) que permitem o aparecimento sensível de qualquer algo que seja constitutivo do *kósmos*. Ou ainda, a matemática forneceria a estrutura, uma espécie de *teia* em que é “assentada” a mistura entre *o ser*, *o mesmo* e *o outro*. Essas substâncias participariam da constituição de tudo o que se apresenta enquanto elemento sensível do *todo*; pois a manifestação de algo já pressupõe uma ordem sempre presente, uma origem que permanece (*arkhé*) e na qual esse algo se apresenta.<sup>9</sup> A ordem na qual um algo sensível qualquer aparece é fornecida pela *teia* matemática em comunhão com as *ousíai*. A reunião desses elementos forneceria a proporção na qual um conteúdo essencial se expressaria tanto aos olhos do corpo quanto aos olhos da alma. Pensar em ordem é conceber (*noetos noéo*) um princípio (*arkhé*) metafísico que se apresenta no físico, melhor, no corpóreo (*somatikós*), a partir de uma relação metafísica estruturada pelas *ousíai* e pela matemática. Dessa relação, sempre intermediária (*meso*), entre físico e metafísico, o *kósmos* brota como resultado da relação.

Esses elementos formadores da alma do universo estão presentes na percepção, na medida em que, ao perceber, a alma humana percebe algo que tem existência sensível; isso que é percebido pela alma humana tem existência por participar do ser e receber dele, além da existência, outras determinações inteligíveis. Este ser do qual o sensível participa faz com que uma aparição qualquer possa ter uma

---

<sup>9</sup> Acerca da relação entre os *eide* no *Timeu* e o modo como eles se manifestam em todos os níveis da realidade, ver Brisson, 1974.

determinação, mesmo que afetada pela temporalidade; nessa medida, o sensível recebe uma identidade (*taúton*) e pode ser pensado e expresso através dela, o que faz com que ele possa ser, de algum modo, conhecido por meio de um *lógos* que diz essa mesmidade. E, ainda, a percepção, enquanto uma atividade da alma, distingue algo que *é* de algo que *não é*<sup>10</sup>, possibilidade ofertada pelo fato de que a diferença<sup>11</sup> (*héteron*) é parte constitutiva de toda ação e objetos que integram a ordenação que é o *kósmos*. Assim, Platão também fornece elementos para a compreensão da constituição da *aísthesis*, que compreendemos como sendo um dos meios fundamentais, meio, não a causa, que permite ao humano aperceber-se; a percepção aparece, assim, como um dos frutos das relações que dão corpo à totalidade. Em outras palavras, concebemos que a *aísthesis* é um ser entre o humano e o *kósmos* que o ordena, pois que participam de sua constituição corpórea os mesmos elementos que participam do corpo do todo: os círculos do *outro* e do *mesmo*.

A partir das relações expostas acima, o corpo humano nasce e na descrição de seu nascimento a personagem Timeu instaura sua finalidade. O corpo tem a finalidade de suportar a cabeça. O que parece cômico em um primeiro momento, em um segundo momento expressa o âmago da cosmologia do *Timeu*. Com a imagem da instalação do corpo enquanto parte da totalidade, Platão nos leva a pensar na possibilidade da própria filosofia nos seguintes termos. O corpo expressa, pela natureza dos componentes que o perfazem, passagem; os elementos que o constituem são porosos, fragmentados em si mesmos, o que permite que suas ligações não sejam eternas, pois no toque de um com o outro há sempre a possibilidade de dissolução dessa unidade. Dissolução possibilitada justamente pela porosidade deste ambiente; por isso podemos falar da mobilidade constituída de múltiplas diferenças ao descrevermos o corpo humano. Ao começar pela descrição da cabeça, Timeu nos faz pensar acerca daquilo que no homem é *arkhé*, pois os círculos do *mesmo* (*tautòn*) e do *outro* (*tháteron*) foram postos na região denominada de *a mais divina*, visto que ela reina sobre as outras partes da alma humana. O corpo é o sustentáculo da cabeça na medida

<sup>10</sup> Acerca do modo como a percepção atua por meio de um anteparo inteligível, ver Marques, 2012, p.89-110.

<sup>11</sup> Sobre a diferença, diz Wolff, 2000, p. 60, “(...) se a diferença está inteiramente entre todas as coisas do mundo, a identidade, por sua vez, está inteiramente em cada uma delas, visto que nenhuma nunca é diferente de si e idêntica a uma outra. (...) Essa identidade consigo é absolutamente equivalente à diferença que ela tem com todas as outras. O princípio de identidade equivale ao princípio da diferença”.

em que ele fornece passagem para que ela venha a realizar o seu intento próprio, comandar (*despotoûn*)<sup>12</sup>.

O comando expressa uma ordem, uma deliberação. Nessas condições, perguntamos: como ou em que medida algo físico pode ser sustentáculo de uma deliberação? A resposta está no trecho que segue (44d-45b). O corpo, enquanto partícipe de todos os movimentos existentes<sup>13</sup>, serve de passagem dos eflúvios que o constituem e permite que as informações do plano físico cheguem até a cabeça, a sede do pensamento. Assim é que ele serve de veículo, como diz Platão, da cabeça, no sentido de abrir passagem para o pensamento. Com isso se quer dizer que o conteúdo do pensamento, no ato da percepção, é fornecido pelo corpo na medida em que ele é o lugar onde os elementos (*stoikheía*) se relacionam. Esse movimento originário do corpo fornece informações para que o pensamento esteja ele também em movimento. Deve-se pontuar, no entanto, que tais movimentos, o da parte mortal – físico – e o da parte imortal – pensamento – não são desordenados, visto possuírem, como marca disso que eles são, identidade (*tautòn*) e alteridade (*héteron*). Eles não devem ser interpretados como partícipes de um devir inconsequente, ao contrário, há algo de estável no sensível e isto permite que ele possa ser pensado e há algo de estável no pensamento que permite que ele pense o estável do sensível.

Na presente discussão, os substantivos *póros* (passagem), *áporos* (sem passagem), *euporía* (facilidade de passagem) e o verbo *poreúesthai* (caminhar) dão a medida da relação entre o físico e o metafísico que aparecem, no *Timeu*, em uma comunidade indissociável. Medida percebida pelo pensamento que, ao tatear o *kósmos*, o sente, e na sensação distingue a diferença que recorta o domínio do sensível. A *aísthesis* é, aqui, tematizada enquanto o lugar de reunião, reunião que ocorre quando o inteligível pelo sensível caminha, e na caminhada desbrava o *kósmos*. Um *kósmos* que, sem a análise do *lógos*, se mostra aporético, mas em um segundo momento, reflexivo, se mostra como caminho poroso que permite a passagem do pensamento. É por esse encaminhamento que *Timeu*, usando do *mýthos*, enquanto lugar poroso que permite a passagem do *lógos*, descreve o pensamento; a imagem da cabeça é o constructo tangível que indica a operação do pensamento na relação com o sensível.

Continuando a exposição *mythológica*, *Timeu* nos concede, por meio de uma imagem física, o lugar do metafísico na explicação da natureza humana. Ao dizer,

<sup>12</sup> 44 d-e.

<sup>13</sup> 44 d: κατανοήσαντες ὅτι πασῶν ὅσαι κινήσεις ἔσονται μετέχουσι.

em 45b, que “os olhos portadores da luz foram os primeiros órgãos por eles fabricados”<sup>14</sup>, interpretamos que esta luz (*phosphóra*) é referência àquilo que na alma humana é constituído por meio do inteligível – os períodos do *mesmo* e do *outro*. Nesse sentido, a natureza humana, por meio de seu corpo, ao se deparar com o *mesmo* e o *outro* que organizam o sensível, reconhece a semelhança e a dessemelhança com todas as coisas sentidas, o que permite ao pensamento reconhecer as identidades e as diferenças no contato permeado pela *aísthesis*. Essa luz que emana do fogo não queima, mas apascenta as coisas sentidas, permitindo ao pensamento, no ato da percepção, compreendê-las. Compreensão entendida como a distinção entre ser e não ser no ato de perceber, o que faz da percepção um processo lento que leva à reflexão filosófica. Ver é perceber um aspecto, uma unidade que permite ao que é visto que ele seja diferenciado de alguma outra coisa. Assim, a visão pode levar a uma reflexão, no caso do *Timeu*, à filosofia.

Nesse percurso de argumentação, salientamos que a visão formada por meio dos olhos é antes a visão constituída por uma imbricação dos *eíde* que permitem olhar ordenadamente, olhar e reconhecer a identidade, a diferença e, portanto, a unidade e a multiplicidade na relação com todos os entes vistos. A visão permite a compreensão de um contexto de relações essenciais que se mostram, parcialmente, na constituição dos sensíveis, suas articulações primordiais<sup>15</sup>. A visão é o movimento de reconhecimento de um traço, de um aspecto, de uma lembrança que doa sentido ao ato de ver. Na tradução teórica dessa situação fundamental, o Platão do *Timeu* inaugura o modo de dizer a visada do eterno no mutável; assim, *ver* é contemplar (*theoreîn*), no estado sempre mutante, a presença do eterno. Diz o texto:

Quando a luz do dia cerca o fluxo da visão, o semelhante recai sobre o semelhante, tornam-se compactos, unindo-se e conciliando-se num só corpo ao longo do eixo da visão; o que acontece onde quer que aquele fogo que sai do interior contacte com o que vem do exterior. Assim, gera-se uma homogeneidade de afecções, pois o todo é muito semelhante; se esse todo tocar em algo ou se algo tocar nele, distribui

<sup>14</sup> 45 b: τῶν δὲ ὀργάνων πρῶτον μὲν φωσφόρα συνετεκτίναντο ὄμματα.

<sup>15</sup> Segundo Pesic, 2007: “If the word *eidos* refers to the essence of vision, it directs our attention toward the activity of our seeing no less than to archetypes we may discern outside of us. As such, it forms an important complement to *Timaeus*’s description of each *eidos* subsisting ‘itself by itself’ [autá kath’ autá], transcendent and apart (51c), for he seems to understand that apartness as open to our seeing, understood as a beam emanating from our soul. Indeed, the conjunction of inner and outer fire, of the beam enacting our knowing along with its transcendent object, may be an ideal example of the ‘indeterminate dyad’ [aóristos dyás]”.

os seus movimentos por todo o corpo até à alma, e produz a sensação a que nós chamamos “ver”<sup>16</sup>.

A passagem<sup>17</sup> mostra que a *aísthēsis* não ocorre sem a presença do pensamento, pois ele é uma das partes que a constitui. O *lógos*, ao interpretar essa situação recheada de movimento, a expressa, o que nos permite dizer que vemos algo. A atitude do elemento racional está na interpretação, enquanto o pensamento distingue por meio da passagem fornecida pelo corpo, ser e não ser. Somente o humano pode, nesse sentido, dizer essa relação, pois que a totalidade se diz, literalmente, por meio da palavra (*lógos*): o humano é o único que ao dizer tem a possibilidade de refletir acerca da disposição (*héxis*) que instaura a parte e o todo.

A partir do trecho citado, percebe-se como a *aísthēsis* é esse lugar comum que, no que diz respeito à natureza humana, é um dos elos fundamentais entre o todo e a parte e vice-versa: há elementos comuns que participam tanto da constituição da *aísthēsis* quanto da constituição do todo. Tais elementos se reúnem quando semelhantes e desagregam-se quando dessemelhantes; assim eles permitem à *aísthēsis* e ao todo comungarem do mesmo conteúdo somático, os quatro elementos, e dos inteligíveis, que, além de organizar os sensíveis, permitem ao pensamento reconhecer a identidade e a diferença entre os sensíveis, possibilitando ao *lógos*, em uma ação hermenêutica, dizer o mundo.

## Bibliografia

BAKHOUCHE, B. La Théorie de la Vision dans *Timée* (45B2-D2) et son Commentaire par Calcidius (IVe S. de Notre Ère), *Plato 5* (2005), [En ligne], mis en ligne: March 2005, URL: <http://gramata.univ-paris1.fr/Plato/article55.html>, consulte le 26 April 2014.

BRISSON, L. *Le même et l'autre dans la structure ontologique du Timée de Platon*, Sankt Augustin, Academia Verlag, 2001.

CORNFORD, F. M. *Plato's Cosmology. The Timaeus of Plato translated with a running commentary*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1937.

---

<sup>16</sup> 45 c-d: ὅταν οὖν μεθήμερινὸν ἢ φῶς περὶ τὸ τῆς ὄψεως ῥεῦμα, τότε ἐκπίπτουν ὅμοιον πρὸς ὅμοιον, συμπαγῆς γενόμενον, ἐν σῶμα οικειωθὲν συνέστη κατὰ τὴν τῶν ὀμμάτων εὐθυωρίαν, ὅπηπερ ἂν ἀντερείδῃ τὸ προσπίπτον ἔνδοθεν πρὸς ὃ τῶν ἔξω συνέπεσεν. ὁμοιοπαθὲς δὴ δι' ὁμοιότητα πᾶν γενόμενον, ὅτου τε ἂν αὐτὸ ποτε ἐφάπτηται καὶ ὃ ἂν ἄλλο ἐκείνου, τούτων τὰς κινήσεις διαδιδὸν εἰς ἅπαν τὸ σῶμα μέχρι τῆς ψυχῆς αἰσθησιν παρέσχετο ταύτην ἢ δὴ ὄρᾶν φαμεν.

<sup>17</sup> Acerca desta passagem, especificamente, ver o artigo de Béatrice Bakhouché, 2005.

PLATÃO. *Timeu*. Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos: Coimbra, 2011.

PLATON. *Timée*. Traduction, introduction et notes par Luc Brisson. Flammarion: Paris, 2001.

MARQUES, M.; PEIXOTO, M. C.; PUENTE, F. R. *O visível e o inteligível. Estudos sobre a percepção e o pensamento na filosofia grega antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

PESIC, P. Seeing the Forms, *Plato 7 (2007)*, [En ligne], mis en ligne: February 2007, URL : <http://gramata.univ-paris1.fr/Plato/article75.html>, consulte le 26 April 2014.

WOLFF, F. *Dizer o mundo*. São Paulo: Discurso Ed., 2000.